

Darny

Arrocho vem depois das eleições

O Cruzado e a boa imagem do Presidente são prioridades até novembro

A. C. SCARTEZINI
Repórter Especial

Antes das eleições de 15 de novembro, três coisas preocupam o presidente Sarney de maneira especial: preservação de sua imagem popular, a defesa do Cruzado e a volta da carne aos açougues. São os três trunfos com que conta para um sucesso espetacular nas eleições, mas, no dia seguinte a 15 de novembro, a face política do seu governo pode mudar, inclusive com medidas impopulares.

"O Presidente é contra o aumento do imposto de renda", descarta o ministro Marco Maciel, chefe do gabinete civil da presidência, a hipótese de se retirar mais imposto da renda dos brasileiros. Mas admite Maciel que podem tornar-se inevitáveis outras medidas para conter o consumo que essa mesma renda dos brasileiros gera.

"Como é, general, vamos nadar outra vez naquele rio de Carajás?", provocou o economista Edmar Bacha, presidente do IBGE, ao avistar o chefe do SNI, general Ivan de Souza Mendes, no último domingo, durante o almoço para o deputado Ulysses Guimarães na casa do governador José Aparecido. "Espere um pouco", respondeu o general a Bacha.

No diálogo cifrado, Bacha queria saber se havia fundamento na informação da imprensa sobre uma nova reunião de Sarney com seus conselheiros econômicos em Carajás, exatamente para corrigir mais uma vez os rumos do Cruzado com medidas rigorosas que podem não ter a simpatia da classe média. Na resposta de Ivan, a confirmação de que o Governo prefere esperar passar as eleições.

E qual é essa vitória espetacular que Sarney espera das urnas de novembro? "Podemos ocupar mais de 400 das 559 cadeiras da Constituinte", imagina Marco Maciel que o seu PFL se junte ao PMDB de Ulysses para uma presença avassaladora na Constituinte que permita à Aliança Democrática redigir a



Constituição com que sonha Sarney, inclusive para preservar seu mandato de seis anos.

Seria algo como a grandeza mirabolante de que se investiu o general Medici depois de considerar um sucesso pessoal a fantástica vitória da Arena nas urnas de 1970: a Arena elegeu 223 deputados federais contra 87 do MDB, 40 senadores contra seis.

Agora, porém, não tem Copa do Mundo. Os tempos são outros e não basta a Sarney eleger a sua superbancada na Constituinte. Terá, também, que negociar com seus constituintes um programa comum de Constituição para assegurar a fidelidade dos parlamentares aos pontos definidos, como o que se refere a duração do mandato presidencial.

IMAGEM

Acordou o presidente Sarney, na última terça-feira, com uma informação que parecia um sonho: uma pesquisa do Ibope concluiu que 83 em cada grupo de 100 brasileiros confiam no Presidente da República. Mas, sem se embalar no sonho, Sarney despertou para a realidade. Na manhã seguinte, reuniu-se a sua equipe de comunicação social, no Planalto, para discutir a influência da imprensa na opinião pública.

"Como a imagem do Presidente pode estar tão boa se a imprensa só fala em crise do abastecimento?", procurou um dos assessores desvendando o mistério a partir da certeza de que o povo não mentiu na pesquisa e nem o pesquisador manipulou os dados. A resposta, então, não poderia ser outra: a imprensa não faz a cabeça do povo.

O povo, segundo Maciel,

sente que há mais empregos e que sua renda aumentou depois do Cruzado e, por isso, confia em Sarney. "A carne não faz falta ao povo porque ele nunca come carne", interpreta o ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto. Quem se incomoda com a carne é a classe média, segundo o ministro do Planejamento, João Sayad.

No gabinete de Sayad, a carne tem o preço em dólar para se comparar: nos Estados Unidos, um quilo de filé mignon custa entre 12 e 14 dólares, e nunca falta; no Brasil, custa 2,5 dólares, mas falta. A tradução feita no gabinete diz que o filé é um luxo que o brasileiro consome a preço irreal.

Outra informação do gabinete de Sayad é sobre as zonas elegantes da cidade de São Paulo, que a equipe do ministro conhece bem. No valorizado bairro de Higienópolis, por exemplo, o salário mínimo de um trabalhador de construção passou, na prática, para Cz\$ 3.500,00 — contra os antigos 600 mil cruzeiros de fevereiro.

"O mau humor que temos é da Bélgica", conclui o assessor Alexandre Machado, no gabinete do ministro do Planejamento, a propósito de uma teoria antiga de Edmar Bacha: o Brasil é uma Belíndia, um país que abriga, ao mesmo tempo, a prosperidade da Bélgica e a miséria da Índia. Enquanto a porção Bélgica protesta contra a falta de carne, a porção Índia se farta de arroz e feijão.

Pode ser localizado o mau humor brasileiro, mas Sarney deseja que a sua assessoria de comunicação social, como se debateu na quarta-feira, convença a imprensa a retirar os sinais de crise das Manchetes para colocar em destaque o pleno emprego e outros "aspectos positivos" do cruzado.

Na noite da véspera, a TV-Globo usou a parte mais nobre do prestigiado Jornal Nacional para fazer aquilo que Sarney gostaria de ver em toda a imprensa: uma ampla reportagem sobre a sobra de empregos em São Paulo.

GILBERTO ALVES



Sarney: popularidade e vitória nas urnas são prioridades agora

Gastos precisam ser contidos

Ainda não é certo que o economista Bacha volte a banhar-se em na companhia do general Ivan, mas expressivos economistas do governo que trabalham fora da órbita do ministro da Fazenda, Dilson Funaro, acreditam que algo precisa ser feito com urgência para erguer uma barreira contra a água que vaza no Plano Cruzado.

Os pontos em que mais vaza água, conforme os economistas, estão no déficit público, que funariano secretário do Tesouro, Andrea Calabi, já denunciou; no excesso de subsídios para segurar preços congelados; e nos gastos consumidos com governadores e prefeitos que constroem obras para ganhar as eleições para Sarney.

E ora do barco do governo: a água vaza ainda pela cobrança de ágio, principalmente de insumos da atividade produtiva — como o milho. Ao ágio se junta a escassez de produtos para quebrar a confiança das classes média e alta no governo e no Cruzado, sobretudo porque a tendência da relação de artigos escassos é a de crescer.

O que pode Sarney fazer em defesa do Cruzado? Segundo economistas não culados a Funaro, os buracos precisam ser tapados logo para evitar que a água afunde o barco. Mas parece certo que os ministros desejam ajudar Sarney a empurrar o barco como está, até 15 de novembro para evitar prejuízos eleitorais.

Os eventuais prejuízos eleitorais foram muito bem calculados antes que o governo considerasse encerrada a negociação com os f e passasse à desapropriação de boi no pasto para abastecer os ganchos e prateleiras dos açougues e supermercados, na operação que se desencadeou na quinta-feira.

"O dia foi tranquilo", avaliou-se com alívio, na chefia do SNI, o saldo do primeiro dia de desapropriações, uma iniciativa energética que irritou os fazendeiros que apoiaram eleitoralmente a Arena com a mesma desenvoltura com que hoje se aliam ao PMDB e PFL, os novos partidos do governo.

A contabilidade dos prejuízos foi uma tarefa pessoal do presidente Sarney, com apoio do ministro Maciel, e optou pela ação contra grupos localizados de fazendeiros de uma área próspera do país em benefício dos consumidores da carne, que também votam e costumam esgrimir o voto com mais independência.

DIA SEGUINTE

As posições atuais do presidente Sarney na defesa de sua imagem, do cruzado e da carne não significam compromisso de preservação depois das eleições de 15 de novembro. No dia seguinte, o presidente pode se sentir livre para as mudanças em todas as áreas, e cuidar de sua ban-

cada na Constituinte.

Cuidar de sua bancada não será muito difícil. Basta localizar os deputados e senadores mais influentes e, com eles, articular pontos de interesse comum na futura Constituinte. A localização desses líderes é um trabalho ao qual já se dedica o gabinete civil, com a certeza de que alguns nomes estão eleitos desde logo.

Mais difícil será enfrentar o corte de despesas dentro do aparelho da burocracia pública. Acredita Maciel que a redistribuição de funcionários pela reforma administrativa pode evitar demissão de pessoal, mas é preciso esperar para ver até onde vai-se reformar a burocracia do governo.

O aumento de imposto é outro ponto que o governo nega mas que ainda não deixa tranquilo o brasileiro de salário congelado e que, certamente, terá de aprender a conviver com mais escassez de produtos. Acredita Maciel na fartura da carne em dezembro e janeiro, por causa da safra do boi gordo, mas o futuro imediato não deixa de ser incerto.

Parece certo, porém, que, se as coisas complicarem, o presidente Sarney vai acionar a máquina de comunicação social em defesa de sua propaganda, para manter alto o índice de simpatia popular. Seria, inclusive, um recurso para não perder o controle da Constituinte e da duração do mandato presidencial.